

## *O tratamento da Epilepsia à luz da trajetória do médico Jacob de Castro Sarmento*

*The treatment of Epilepsy considering Doctor Jacob de Castro Sarmento's path*

**Carolina da Palma Fernandes<sup>1</sup>**

**Lutiero Cardoso Esswein<sup>2</sup>**

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar os processos de cura da epilepsia no período moderno, com base na trajetória profissional do médico português Jacob de Castro Sarmento. Sarmento destaca-se como uma figura de relevância, não apenas por suas práticas terapêuticas, mas também pela produção de tratados que buscavam disseminar as ciências experimentais em Portugal, assumindo um papel significativo em seu contexto histórico. Ademais, seus trabalhos possuem grande importância para os historiadores da medicina, pois permitem examinar as relações sociais entre a comunidade médica e científica do período moderno.

**Palavras chaves:** Jacob de Castro Sarmento, trajetória profissional, contribuições médicas

**Abstract:** The present article aims to analyze the epilepsy healing processes in the modern period considering the Portuguese Doctor Jacob de Castro Sarmento's professional path. Sarmento is a character whose contributions is not only in the fields of healing, but also in the production of treatises, whose goals was to disseminate experimental sciences in Portugal, obtaining a significant role in its historical context. Furthermore, his works are of great importance for historians of medicine, as through them it is possible to observe the social relations between the medical and scientific communities of the modern period.

**Keywords:** Jacob de Castro Sarmento, professional path, medical contributions.

<sup>1</sup> Mestranda em História pela Universidade Federal do Amazonas, com bolsa CAPES. Possui graduação em História pela Universidade Federal do Amazonas (2023). E-mail: ca.fernandes.hist22@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0001-1045-8272>.

<sup>2</sup> Pós-doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2023). Possui Mestrado em Filosofia pela UFRGS (2019) e Bacharelado em Filosofia pela UFRGS (2017). E-mail: lutieroess@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0008-0045-7664>.



## Trajetória e influências

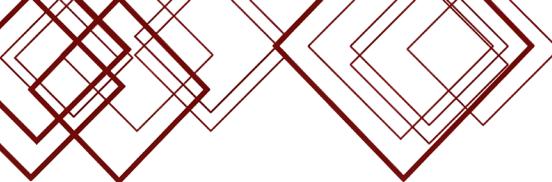
Jacob de Castro Sarmento não viveu em Portugal por toda sua vida. Sarmento faz parte do grupo de médicos e demais intelectuais que saíram e construíram sua trajetória profissional fora do seu país natal, devido a intensa perseguição contra judeus e cristãos-novos que se deu no alvorecer da Inquisição. Filho de Francisco de Castro Almeida, estanqueiro, e de Violante de Mesquita, Castro Sarmento nasceu em 1691, em uma família de cristãos-novos, na cidade de Bragança, norte de Portugal (DIAS, 2005, p.56).

O historiador português José Pedro Sousa Dias no artigo *Jacob de Castro Sarmento e a Conversão à ciência moderna* (2005), destaca que, em 1706, o pai de Sarmento e um meio-irmão foram presos na Inquisição de Évora, ambos acusados de judaísmo, refletindo na confiscação de seus bens. Apesar da dificuldade, dada as condições sociais, Sarmento graduou-se em medicina na faculdade de Coimbra em 1717 e, em 1721, com temor de ser preso pela Inquisição, embarcou para Londres (WALKER, 2013, p.122).

189

Na Inglaterra, o médico foi acolhido pela comunidade de Bevis Marks<sup>3</sup>, sendo de grande importância para a sua interação social no país. Lá, Castro Sarmento exerceu um trabalho de assistência médica aos pobres da comunidade judaica, mas logo foi retirado do cargo pelo *Mahamad*, pois foi visto andando de carruagem em um dia proibido, o qual acontecia um importante festejo judaico, a Festa dos Tabernáculos, e fora acusado de trabalhar no domingo de Páscoa (PINTO, 2015, p.26). Em outras palavras, Sarmento não praticava com afinco os ritos

<sup>3</sup> A sinagoga de Bevis Marks foi fundada pelos judeus portugueses e espanhóis, em 1698, na cidade de Londres, cuja direção estava sob o comando do rabino David Nieto, sendo considerado o local mais antigo da cidade inglesa relativo as práticas do culto judaico.



judaicos. Apesar dos infortúnios na cidade inglesa, a comunidade judaica exerceu uma grande influência quando lhe apresentou a um ciclo de médicos que, assim como ele, pertenciam a outros países e estavam por fazer carreira na Grã-Bretanha.

José Pedro Sousa Dias destaca dois nomes que exerceram grande influência sobre Castro Sarmento durante sua estadia na congregação: David Nieto (1654-1728), um médico vindo da Itália que exercia funções como rabino, o que o impedia de exercer sua profissão médica, e Isaac Sequeira de Samuda (1696-1730), um médico português. Mesmo com boas relações pessoais, sua participação intelectual na comunidade judaica encerrou em 1730, quando finalizou o poema *Viríadas*, que fora iniciado pelo então falecido Isaac Sequeira de Samuda, que havia sido dedicado a D. João V. O fato é que a maior influência que Nieto exerceu sobre Sarmento foi a aproximação do português com o pensamento Newtoniano e do ciclo científico de Londres (DIAS, 2005, p.58).

190

Sua vida profissional em Londres foi decisiva para a divulgação da medicina moderna em Portugal. O médico expatriado foi um membro ativo na rede de intelectuais que tinham o objetivo de modernizar o ensino da medicina portuguesa, antes das reformas realizadas por Pombal. Não demorou muito para Sarmento alcançar conquistas na cidade londrina. O exercício de sua profissão se intensificou em toda a Grã-Bretanha ao ser admitido no Royal College of Physicians, em 1725, sendo mais tarde aceito na Royal Society “em reconhecimento do seu trabalho experimental com novas drogas e tratamentos” (WALKER, 2013, p. 123). Em 1739, Castro Sarmento obteve o grau de doutor no Marischal College da Universidade de Aberdeen, tornando-se o primeiro judeu no Reino Unido a alcançar um grau tão elevado (WALKER, 2013, p. 123).



Devido a sua estadia na Inglaterra, Castro Sarmento possuía acesso as mais modernas descobertas da ciência médica. Partidário da iatromecânica<sup>4</sup>, é possível ser vista as influências de Herman Boerhaave (1668-1738) e Isaac Newton (1643-1727) por toda suas obras, mas principalmente na *Matéria médica physico-historico-mechanica* (1735) e *Theorica Verdadeira das Mares, conforme a filosofia do incomparável cavalheiro Isaac Newton* (1737) que consiste em comentário-adaptação escritos em Português das obras de Newton a respeito da influência das marés na vida humana “enquanto consequência da força de atração gravítica sobre a massa líquida” (MALVEIRO, 2007).

Foi a partir desta tradução comentada que os portugueses entraram em contato pela primeira vez com as ideias de Newton, e foi a primeira obra de divulgação do pensamento newtoniano fora da Inglaterra. Além destas duas obras, Sarmento também escreveu *A dissertation on the method of inoculating the small-pox* (1721), obra importante para sua consolidação no exterior e é seu único tratado publicado totalmente em inglês e a primeira obra na Europa a tratar do uso da inoculação das bexigas (varíola), vinculando as explicações da manifestação da doença no corpo humano as ideias newtonianas (PINTO, 2015, pp. 82-83).

---

<sup>4</sup> A iatromecânica, teoria que Sarmento adotou em seus trabalhos, defendia que o corpo humano obedecia aos mesmos princípios das leis da física e da matemática. Comparando-o com uma máquina, o médico e professor holandês Herman Boerhaave (1668-1738), a quem Sarmento estima ao longo de sua obra, propôs o modelo hidráulico do corpo, afirmando que este era composto por “vasos e tubos” membranosos. Além disso, comparou partes do corpo humano com algumas estruturas mecânicas, tais como “pilares, cunhas, alavancas, roldanas e foles” (LINDEMANN, 2002, p. 83). Nesse sistema, a saúde representava os movimentos feitos pelos líquidos no sistema vascular, e a doença vinha da obstrução destes (PORTER, 2008, p. 149). De modo geral, o sólido era referido à tensão das fibras e as partes líquidas à densidade dos fluidos (ENTRALGO, 1973, p. 261). Em um trecho de sua *Matéria médica físico-histórico-mecânica* (1735), Sarmento destacou que o ouro, em sua forma líquida, poderia “produzir seu efeito nos líquidos e sólidos do corpo humano” (SARMENTO, 1735, p. 13).



A Água de Inglaterra foi um remédio secreto<sup>5</sup> amplamente reconhecido por sua eficácia no tratamento do paludismo (malária), com produção intensa no século XVIII e em meados do XIX. Apesar de ser considerada um medicamento secreto, sua composição já era conhecida desde 1682 e amplamente disseminada entre médicos, incluindo Castro Sarmento. Por meio de práticas experimentais, Sarmento aperfeiçoou a fórmula do remédio, o que resultou em uma grande comercialização do produto em Portugal, especialmente na região do Alentejo, onde a população sofria bastante com a doença.

192

As propriedades do remédio são abordadas no tratado *Matéria Médica* (1735) e, mais tarde, em *Dos Usos e Abusos das Minhas Águas de Inglaterra* (1756), uma espécie de bula para orientar o uso das Águas e suas contraindicações, destacando que sua fórmula se diferenciava das demais (PINTO, 2015, pp. 61-64). Sarmento também escreveu uma obra dedicada ao ofício dos cirurgiões, intitulada *Tratado das Operações de Cirurgia* (1746), uma tradução de uma obra de Samuel Sharp (PINTO, 2015, p. 116). Entre tratados e traduções, o médico contribuiu para a disseminação de uma literatura médica comum na Inglaterra e utilizou seus contatos portugueses para promover-se, especialmente através do comércio de sua Água de Inglaterra, sem deixar de fortalecer o projeto modernizador com seus trabalhos junto à nobreza portuguesa.

Seus trabalhos estão inseridos em um contexto histórico em que a medicina moderna (iatrofísica e iatroquímica), juntamente com a introdução de um novo sistema intelectual baseado na observação empírica

5 Os remédios secretos eram medicamentos manipulados, cuja composição não era divulgada ao público. Daí o nome “remédios de segredo”, e aqueles que os manipulavam eram chamados também de secredistas. Vera Regina Beltrão Marques destaca que os remédios secretos “eram preparados seguindo um processo que hoje dominaríamos de produção em série” (MARQUES, 2003, p. 166). Ademais, por terem fórmulas particulares, estes não eram produzidos nem vendidos nas boticas, mas pelos seus idealizadores.



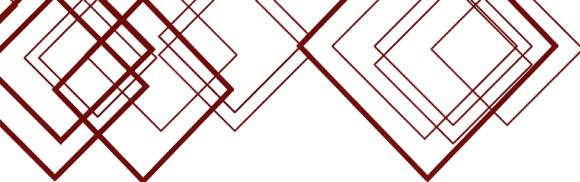
ca e em experimentos, começava a ganhar espaço nas universidades. Na obra *Matéria Médica*, Castro Sarmento descreve os princípios do ferro, ouro, cobre, chumbo, prata e azougue, e destaca que, para determinar o peso específico da gravidade dos metais, é necessário que eles sejam “examinados hidrostáticamente por meio de vários experimentos realizados pela Real Sociedade de Inglaterra” (SARMENTO, 1735, p. 79).

Os dois tratados escolhidos como fonte para este artigo – *Matéria Médica* e *Theorica Verdadeira das Mares* – são frutos dessa nova forma de fazer ciência, na qual o discurso científico, demonstrando o experimento como tal, está alinhado com a comunidade científica inglesa. Esses textos, escritos exclusivamente para a própria comunidade médica – no caso de Sarmento – têm justamente o intuito de instigar outros profissionais a aderirem a tais práticas. Para isso, as ferramentas de comunicação necessárias se davam através da escrita, que, no caso do médico mencionado, eram seus tratados, contendo descrições dos princípios ativos da física mecânica aplicados à medicina, além de traduções de obras da mesma temática.

193

Em uma passagem de *Matéria Médica*, Castro Sarmento apresenta um experimento com *Tintura de Rozas*, cuja substância, como atesta o médico, serve para fluxos imoderados, tais como hemorroidas, sangue menstrual e demais evacuações excessivas, salientando também as “pendentes de relaxidão e lassidão das partes sólidas, como nos diabetes, diarréias e disenterias inveteradas, nas gonorreias simples e nas virulentas” (SARMENTO, 1738, p. 78). O médico atestava que a dita tintura recuperava a fibra, fortalecendo as glândulas relaxadas e devolvendo a firmeza natural do órgão. Sarmento ainda recomendava as doses, que variavam de sete a quinze gotas.

Para descobrir os benefícios da tintura, Castro Sarmento, um



médico iatromecânico, baseou-se no princípio da experimentação. A passagem a seguir demonstra a ênfase que o médico dá ao processo até identificar as propriedades medicinais da substância. Além disso, ele ressalta que esse processo não foi conduzido sozinho, já que contou com a presença de um curioso e de um cirurgião. Essa estrutura, que envolve o experimento, a testemunha e o relato escrito, não é exclusiva de Castro Sarmento, mas uma característica da comunidade científica de Londres, evidente nas obras do médico, como fruto de uma identidade específica e de suas produções científicas experimentais (SHAPIN, 2013).

Depois dos repetidos experimentos, que eu havia feito, da virtude fotóptica da sobredita *Tintura*, assim no uso interno, como externo dela; em 12 de janeiro de 1731, para satisfazer a curiosidade de *Vital da Costa, e Silva*, criado que foi da casa do Ex. *Conde da Atalaya*, morador em *Lisboa*, achando-se em *Londres*, lhe fiz ver a operação da minha *Tintura*, para cujo efeito mandei vir um cirurgião [...] (SARMENTO, 1735, p. 78).

194

Segundo a historiografia, em Portugal, a introdução desse novo sistema de ensino e de prática médica, entra em conflito com o campo político e religioso, causando repressão por parte do último aos profissionais que adotassem essa nova adesão. Com base nisso, a inserção das iatromedicinas é, portanto, manifestada de forma gradual e umas delas com a ajuda do próprio Castro Sarmento. O médico nunca perdeu contato com seu país natal, uma vez que estava se correspondendo através de cartas, encontros pessoais e publicando obras em português, com o propósito dos tratados circularem com mais facilidade entre os médicos e demais intelectuais (WALKER, 2013, p. 123).

Walker destaca que Sarmento, com a apoio da Coroa e do conde de Ericeira, mostraram-se interessado nas traduções do médico das



obras de Francis Bacon (1561-1626), tendo *Novum Organum*, como a principal obra a traduzir. Esses meios, que podem ser considerados como agentes modernizadores de Portugal, tentavam fazer do governo de D. João V, um reinado mais esclarecido. Todavia, como é destacado por Walker, esses esforços encontravam seus entraves no poder dos jesuítas e do Santo Ofício “aos quais D. João V continuava a dar ouvidos” (WALKER, 2013, p. 125).

Tanto os esforços dos médicos em disseminar as novas teorias nos seus tratados, quanto os ciclos de intelectuais, desenvolvido pelo 4º conde de Ericeira, cujos membros tinham como interesse difundir as ideias iluministas. Esses salões clandestinos eram compostos por aristocratas letrados, que haviam tido contato com as ideias esclarecidas no exterior. Alguns nomes são destacados por Walker por constituírem “uma verdadeira vanguarda em Portugal” são o diplomata Luís da Cunha, seu discípulo Alexandre de Gusmão, D. Francisco Xavier de Menezes (conde de Ericeira). E dentro desse círculo, formou um ainda mais restrito, composto pelo lexicógrafo Rafael Bluteau e homens da corte como D. Manuel Caetano de Sousa e D. Luís Caetano de Lima. Mais tarde, D. Francisco de Meneses coloca D. João V em contato com Jacob de Castro Sarmento para conversarem a respeito da reorganização do ensino médico em Portugal (WALKER, 2013, pp. 98-99).

195

A urgência de renovação surte nesses homens a vontade de encontrar soluções para essa modernização, portanto, essas tentativas mencionadas acima já demonstram que, antecedente as reformas concretas por parte do governo pombalino, esses indivíduos organizavam-se e colocavam em prática seus próprios métodos para fazer circular em Portugal um ensino e um pensamento mais esclarecidos. Um exemplo dessas medidas, para além das citadas, é a Academia Real Médico-Portopolitana. Essa academia foi organizada por um grupo de médicos,



cirurgiões, farmacêuticos e alguns nobres e aristocratas, tendo o jovem cirurgião João Gomes de Lima (1727-1806), como o maior incentivador do projeto (WALKER, 2013, pp. 141-143).

O intuito era estabelecer uma educação superior a partir dos trabalhos de Newton e Boerhaave, cujo pensamento estava pautado na “ideia então controversa de que a investigação científica em geral e, mais especificamente, as práticas médicas deviam obedecer a um sistema metódico e racional” (WALKER, 2013, p. 143), ganhando o apoio de intelectuais como Sachetti Barbosa, António Nunes Ribeiro Sanchez, José Rodrigues de Abreu – médico da Câmara do rei e familiar do Santo Ofício – e claro, de Castro Sarmento. Esses apoios conferiram peso à nova geração de intelectuais que estavam por se formar em Portugal, fazendo com que o programa da Academia ganhasse destaque nos círculos médicos, angariando espaço no país, para alçar os objetivos da introdução de uma nova educação, mais racionalizada nos moldes do Iluminismo em Portugal (WALKER, 2013, p. 143).

196

Entre a divulgação científica e a produção de medicamentos: os tratados de Jacob de Castro Sarmento

Jacob de Castro Sarmento, como já mencionado, foi um dos responsáveis, ao lado de outras personalidades, pelo forte engajamento na introdução das novas teorias científicas, como a iatromecânica, no país português, que se realizava por meio dos escritos médicos. Para Sousa Dias, Sarmento é “partidário de uma forma tardia do iatromecanicismo, influenciado por Boerhaave” e da física newtoniana, cujas influências já se via na medicina (DIAS, 2005, p. 61).

Seu tratado *Matéria médica physico-historico-mechanica* (1735), a obra mais importante de Sarmento, é sintoma desse ambiente de renovação médico-científico. Dividido em duas partes, sua primeira pu-

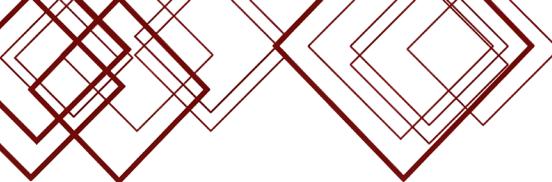


blicação se deu no ano de 1735, onde ele procura destacar a função da química na medicina moderna se valendo do método experimental. A segunda teve sua edição vinte e três anos mais tarde e destaca o uso dos medicamentos de origem vegetal e animal. Como argumenta Sousa Dias, nessa segunda edição, Sarmento demonstra ser um dos autores que possuem conhecimentos “dos fármacos vegetais, tanto em Portugal como no Ultramar” (DIAS, 2007, p. 83).

De fato, Castro Sarmento é um médico, cujo interesse estava para além dos experimentos da Royal Society. Ele também advogava a respeito das plantas de origem brasileiras, citando na *Matéria médica* os benefícios da ipecacuanha para os vômitos e a quina-quina para as febres. O médico declarava que “a ipecacuanha, raiz tão celebre e conhecida em toda Europa, é vomitório seguro para toda idade, sexo, preparado pela mesma natureza, e por vegetal, mais chegado, e conforme a nossa [...] e descoberto, na sua classe, com a mesma segurança e felicidade, que a quinaquina para as febres intermitentes” (SARMENTO, 1737, 461).

197

Embora ambas as partes (I e II) do seu tratado sejam de grande importância para a história médica e farmacêutica de Portugal, este trabalho utilizará apenas a primeira parte da *Matéria Médica*. Assim, sua primeira edição contém oito capítulos, sendo os sete primeiros dedicados aos metais, sais, pedras, terras, enxofres, semi-metais e águas doces e minerais. No oitavo capítulo, o médico trata dos principais remédios encontrados na *Matéria Médica*. Ele discorre sobre a natureza dos minerais, aborda a sangria, os medicamentos eméticos, purgantes, vesicatórios, diuréticos, sudoríferos, e finaliza o capítulo falando sobre a quina-quina, suas Águas de Inglaterra, a tintura estíptico-balsâmica e a limonada solutiva, todos de sua autoria e testados por meio da experimentação.



Diferente das demais obras de Sarmento, sua *Theorica Verdadeira das Marés, conforme a Filosofia do Incomparável Cavalheiro Isaac Newton* (1737), não é um tratado médico propriamente dito, tampouco uma tradução da obra de Newton, mas um trabalho que expunha as ideias do cientista, visando à divulgação entre seus pares portugueses (MOREIRA; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 1987, p. 58). A importância dessa obra está na tentativa de introduzir o pensamento científico moderno no cenário lusitano, já referenciado ao longo deste artigo. A obra é dividida em três partes: a primeira destaca a influência das marés em casos patológicos; a segunda discute a gravidade da lua em seu orbe; e a terceira é um glossário com palavras difíceis, para facilitar a compreensão do leitor. O texto de Sarmento é descritivo, contando apenas com o auxílio de figuras para explicar as origens das marés e seus efeitos, sem o uso de fórmulas matemáticas. De acordo com Sousa Dias, 198 o impulso para escrever o livro surgiu quando Sarmento frequentou um curso de filosofia experimental e mecânica ministrado em Bath por John Theophilus Desaguliers (1683-1744), a quem o médico se refere como “meu bom amigo e sócio” da Royal Society (DIAS, 2005, p. 63)

### **O tratamento da Epilepsia na sua Matéria Médica e Theorica Verdadeira das Marés**

Contemporaneamente a epilepsia não é considerada uma doença mental, mas uma doença neurológica, cujo tratamento se dá tanto por meio da administração de drogas antiepileptica, dieta cetogênica ou tratamentos cirúrgicos (BETTING; KOBAYASHI; MONTENEGRO; CENDES; GUERREIRO; GUERREIRO, 2003). No entanto, ela já foi entendida de maneiras diferentes ao longo dos séculos. Em um primeiro momento, a epilepsia assume o caráter de doença sagrada,



cujos sintomas eram enviados por deuses, cabendo a Hipócrates, no seu tratado *Da doença sagrada*, dissociar ela do seu *status* divino, afirmando que suas causas procediam dos elementos da natureza que estavam em constantes mutações (CAIRUS; RIBEIRO, 2005, p. 79).

Entretanto, apesar da descrição mais laica do médico grego e mais tarde de Galeno, o qual afirma que a doença procedia do cérebro, reconhecendo que havia dois tipos, uma que vinha de causas desconhecidas e uma que seria proveniente de outras doenças (MOREIRA, 2004, pp. 107-122), a epilepsia não se desvencilhou totalmente dos seus fundamentos ocultos, assim como suas curas adquiriram uma compreensão plural, ocorrendo no período moderno, uma adaptação do que já circulava nos meios médicos e das novidades em voga, sem deixar de expressar o imaginário que circundava a doença.

Com base nos tratados de Sarmento, *Matéria Médica Physico-Historico-Mechanica* (1735) e *Theorica Verdadeira das Mares, Conforme a Filosofia do Incomparável Cavalheiro Isaac Newton* (1737), é possível identificar as atribuições que essa doença recebia e como certos processos de cura, e até nomeações, poderiam confundi-la com uma afecção da mente, sendo vista como algo ‘obscuro’, ou seja, de difícil compreensão, o que repercutia em seu tratamento. Ressalto que as informações contidas nesses tratados enriquecem uma reflexão mais ampla, destacando que as percepções médicas estavam sujeitas aos constructos culturais de sua época, tanto nos diagnósticos quanto nos remédios aplicados.

Jacob de Castro Sarmento, partidário da iatrofísica, da química e do experimentalismo da Royal Society, abordou no seu *Theorica Verdadeira* (1737) a intervenção da maré no comportamento dos indivíduos predispostos a doenças mentais, como os maníacos, mas também nos epilépticos. Por se tratar de um prólogo, o médico não apontou quais



curas a lua e o sol poderiam exercer, ou explicou com mais exatidão de que forma os astros exerciam influência nessas pessoas, mas reiterava a “importância das formas atrativas do sol e da lua em vários casos patológicos” (DIAS, 2005, p. 64), mas ao que tudo indica, a influência da lua e do sol no curso das movimentações das marés provocava uma agitação no enfermo, o que cunhou o termo *lunático* para se referir aqueles que sofrem de transtornos psíquicos. Sarmento fala das forças atrativas da lua e sol que induzem nas “crises das doenças agudas, que se não podem explicar, ou entender sem a compreensão e concurso daquelas forças” (SARMENTO, 1737), advertindo que:

[...] o conhecimento das forças do sol, e lua, que causam o fluxo, e refluxo das águas, merecem tanta a consideração, e contemplação do médico, na cura das doenças, que se não podem explicar bem, e remediar alguns dos sintomas delas, sem um exato e verdadeiro conhecimento das mesmas forças. Nem se podem totalmente conceber sem seu concurso, as epilepsias, e vertigens periódicas, que repetem somente nas luas novas, e luas cheias. Aquela moça epilética, que tinha umas manchas na cara, que na cor, e grandeza, variavam conforme as fases da lua. As fúrias dos maníacos, que repetem com maior veemência na lua nova, e na lua cheia; donde nasceu, e teve origem ao chamar a os loucos geralmente lunáticos [...] (SARMENTO, 1737).

200

Para o tratamento da epilepsia, hidropsia e demais achaques na cabeça, Sarmento recomendava em sua *Matéria Médica Physico-Historico-Mechanica* (1735) os proveitos da tintura de Bateo, intitulada *Luna Potabilis*. Segundo o médico, a eficácia do remédio é conhecida nos casos supracitados devido ao “espírito de vitríolo, sal comum e amoníaco”, pois são, como enfatizava Sarmento, “tão bons remédios” (SARMENTO, 1735, p. 131). Vê-se, então, que o médico não fez grandes considerações a respeito dessas enfermidades e de como as comprehende de acordo com as teorias que norteiam seus trabalhos, concentrando-se



apenas na administração de remédios e advogando a favor do experimento de cada substância para alcançar um bom resultado. Entretanto, mesmo com a ausência de uma discussão mais ampla a respeito das temáticas em seus tratados, apenas com os compostos citados pelo médico, é possível traçar algumas considerações sobre essas enfermidades. Ao tomar como base tais substâncias, verificamos que as curas elaboradas são mais físicas, pois estão estritamente associadas ao cérebro.

Prata composta, vitríolo (ácido sulfúrico), sal comum e amoníaco são alguns dos remédios enumerados por Sarmento para esses achaques, todos elementos químicos, reforçando que seu trabalho se baseia nas composições de dois outros químicos, nomeadamente Wilfon e Nicolas Lémery. Castro Sarmento elucidava que Wilfon era fabricante de pílulas refinadas de prata, espírito de nitro e sal prunella. O mesmo químico preparava uma tintura azul com “prata, espírito de nitro, espírito de vinho e sal volátil de urina”, que era muito eficaz nos casos de “diurese e diaforese, e a aconselha na apoplexia, epilepsia, paralisia e em todas as queixas da cabeça, na dose de cinco até vinte ou trinta gotas”. Já Lémery preparava um composto chamado Vitriolum lume ou Cristais de Prata, com prata refinada e espírito de nitro. Sarmento salientava que, “além de ser um moderador cáustico, a aconselha interiormente nas hidropsias e queixas da cabeça, na quantidade de gramas, de um a três, como purgativo brando” (SARMENTO, 1735, p. 52). Em consonância com os químicos, Sarmento elogiava esses compostos, que, a princípio, produziam grandes efeitos nos acometidos da cabeça, mas, entre uma composição e outra, o médico expressava sua posição nas páginas de seu tratado em relação à alquimia e à astrologia, práticas que estavam em paralelo com as chamadas ciências modernas:



O uso e virtudes da prata na matéria médica interna, ainda que alguns autores falam maravilhas dela, são quase insignificantes na realidade e na prática. Os primeiros que deram origem as muitas virtudes que se atribuem a este metal, contra os achaques da cabeça foram os astrólogos e alquimistas, que sem outro fundamento, que suas hipóteses imaginárias, assentavam que a lua, debaixo de cuja influência punham a prata, tinham uma grande correspondência com a cabeça e por isso a prata era remédio nos achaques dela, do mesmo modo, que o sol com o coração e por isso criam que o confortava o ouro, por estar debaixo de seu influxo (SARMENTO, 1735, p. 52).

202

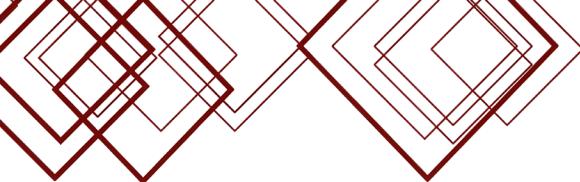
Sarmento apresentava uma crítica as ideias alquimistas e astrológicas, pois o médico cunhava sua medicina no experimentalismo de Robert Boyle (1627-1691) e Newton. Nos trechos acima, é possível notar que a prata é apontada como principal elemento para a produção de medicamentos destinados as enfermidades da cabeça. Mas mais que citações a respeito do elemento, ele evidenciava nas passagens que para chegar a esse princípio era necessário a experimentação dos compostos, ratificando que para criação de remédios mais fortes seria preciso a junção de mais de um componente. Para ele, as virtudes dos remédios não eram atribuídas apenas a prata, mas junção desta com outros elementos químicos. O médico então reiterava que “assim a virtude de todas as preparações em que entra a prata, se se lhe observa alguma, se deve atribuir aos mais corpos e ingredientes que entram na composição e não a ela” (SARMENTO, 1735, p. 53).

Apesar de elucidar sua crítica em relação aos alquimistas e astrólogos, ratificando suas ideias de acordo com os textos da medicina mecanicista, Jean Luiz Neves Abreu destaca que o médico reconhecia a importância dos remédios alquímicos, admitindo que as experiências com o ouro poderiam ser aproveitadas, além de recomendar de forma moderada a ministração de sangrias, remédios à base de animais e os vomitórios prescritos aos epiléticos, numa dosagem média (SARMEN-

Retomo o argumento já mencionado por Abreu para destacar que, no contexto do pensamento iluminista, a ruptura total com terapias astrológicas, alquímicas e mágicas, em favor de abordagens mais modernas, ocorreu de forma gradual. (ABREU, 2006, p.174). Dessa forma, é claro que a indicação de um ou outro remédio para a epilepsia não atendia à rigidez que a medicina moderna começava a exigir e pregar. Além disso, havia ainda uma forte adesão por parte dos médicos em prescrever terapêuticas com base na teoria dos médicos antigos, mesmo entre aqueles que se diziam modernos, como no caso de Sarmento. Entretanto, o comportamento de Sarmento não deve, de forma alguma, ser interpretado com demérito em uma análise superficial contemporânea; trata-se apenas de um reflexo do período e de suas circunstâncias.

Constata-se, então, que os sintomas que hoje podem ser associados à epilepsia ganham as páginas dos tratados citados, sendo apresentados de diversas maneiras e com graus de interpretação diferentes, recebendo terapias que são utilizadas na tentativa de curar ou amenizar essa enfermidade. De fato, o médico possuía concepções sobre o que poderia levar um ser humano a uma crise epiléptica, ou pelo menos, a um estado de nervos absoluto.

Todavia, diferente de uma progressão linear, as concepções a respeito da epilepsia e seus diagnósticos permaneceram, no período moderno, com um certo grau de incerteza. Em virtude das novas teorias – iatroquímica e iatrofísica – disponíveis, juntamente com aquelas que ainda estavam em vigor, as distintas correntes filosóficas e as múltiplas compreensões das cosmovisões, esses diagnósticos e tratamentos se alteravam ou se integravam. À primeira vista, esses procedimentos podem ser encarados como confusos e até curiosos, mas eram parte do enten-



dimento médico e científico daquele período.

## Considerações finais

Jacob de Castro Sarmento foi um médico renomado na sua área, cujo legado extrapolou a sua formação médica, tendo um papel importante na divulgação das ideias modernas em Portugal. Mesmo depois de sua saída forçada, devido à Inquisição, Sarmento continuou a ter contato com nomes bastante conhecidos dentro da história portuguesa. Seus tratados circularam em seu país com o objetivo de renovar a medicina lusa, que, naquela época, ainda estava sob os preceitos da medicina dos cânones clássicos.

Sarmento, então, desempenha um papel de agente histórico no seu contexto, tanto como médico quanto como divulgador científico. Suas concepções foram fortemente influenciadas pelas ideias experimentais da academia londrina Royal Society, que influenciaram majoritariamente suas práticas de cura. Majoritariamente, porque em sua *Matéria Médica*, Sarmento recomendava purgas e sangrias – métodos da medicina hipocrática-galênica – de forma moderada aos enfermos. Ou seja, mesmo advogando a favor do experimentalismo médico, Sarmento reconhecia os benefícios de outras práticas. Portanto, a ideia de uma ruptura total entre a medicina moderna e a clássica não se sustenta, pois esse processo ocorreu de forma gradua

Por fim, a trajetória de Sarmento demonstra todo um ambiente médico-científico do seu período, onde os processos de cura e o entendimento sobre as afecções, nesse caso a epilepsia, ajudam a compreender as concepções acerca de doença e cura no decorrer desse período histórico. Logo, historicizar essas trajetórias médicas, em um recorte temporal, é também uma tentativa de captar as particularidades de uma



sociedade. Castro Sarmento, apesar de ter deixado Portugal antes mesmo de iniciar seus trabalhos como médico, mesmo à distância, demonstra, por meio dos seus escritos, não só as concepções médicas vigentes no período, na Inglaterra, mas também aquelas disponíveis em sua terra natal.

## Documentos

SARMENTO, Jacob de Castro. *Matéria Médica físico-histórico-mecânica. Reino Mineral parte I*, Londres, 1735.

SARMENTO, Jacob de Castro. *Theorica Verdadeira das Mares, conforme a filosofia do incomparável cavalheiro Isaac Newton*, 1737.

## Referências

ABREU, Jean Luiz Neves. *O corpo, a doença e a saúde: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Belo Horizonte – 2006.

BETTING, L. E.; KOBAYASHI, E.; MONTENEGRO, M. A; MIN, L. L.; CENDES, F.; GERREIRO, M. M.; GUERREIRO, C. A. M. *Tratamento de eplepsia: concenso dos especialistas brasileiros*. Arq Neuropsiquiatr, 2003.

DIAS, José Pedro Sousa. *Droguistas, Boticários e Segredistas: Ciência e Sociedade na produção de Medicamentos na Lisboa do Setecentos*. Novembro de 2007.

DIAS, José Pedro Sousa. *Jacob de Castro Sarmento e a conversão à ciência moderna*. Centro de Estudos de História das Ciências Naturais e da Saúde (Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral, calçada Bento da Rocha Cabral, 14, 1250-047 – Lisboa – Portugal), e Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa.

ENTRALGO, Pedro L. *Patología Edición a partir de História uni-*

versal de la medicina, IV, Barcelona, Salvat, 1973, pp. 261-263.

Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/patologia-942667>.

HIPOCRÁTES. Da doença sagrada. In: CAIRUS, Henriques; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005.

LIMDEMANN, Mary. *Medicina e Sociedade no Início da Europa Moderna: novas abordagens da história europeia*. Lisboa: Replicação, 2002.

MALVEIRO, António Manuel Bule. <<A theorica verdadeira das marés conforme à filosofia do incomparável cavalheiro Isaac Newton>>, um estudo e comentário. Dissertação de Mestrado. Évora, 2007.

MOREIRA, Sebastião Rogério Góis. *Epslepsia: concepção histórica, aspectos conceituais, diagnósticos e tratamento*. Mental – ano II – n. 3 – Barbacena – nov. 2004 – p. 107-122.

206 MARQUES, Vera Regina Beltrão. Medicinas Secretas: magia e ciência no Brasil setecentista. In: CHALHOUB, Sidney. MARQUES, Vera Regina Beltrão. SAMPAIO, Gabriela dos Reis. SOBRINHO, Carlos Roberto Galvão. *Artes e ofícios de curar no Brasil*. – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003

MOREIRA, I.C; NASCIEMIENTO, C.A; OLIVEIRA, L.R. “*Theorica verdadeira das marés*” (1737): *O primeiro texto newtoniano em português*. Revista de ensino de física vol. 9 nº 1 out/1987. Instituto de física, UFRJ.

PORTRER, Roy. Ciência Médica. In: PORTER, Roy. *Cambridge – História da Medicina*. 2008, Livraria e Editora Reiventer Ltda.

PINTO, Hélio de Jesus Ferreira de Oliveira. *Jacob de Castro Sarmento e o Conhecimento Médico e Científico do Século XVIII*. Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, 2015.



SHAPIN, Steven. *Nunca Pura: estudos Históricos de Ciência como se Fora Produzido por Pessoas com Corpos, Situadas no Tempo, Espaço, na Cultura e na Sociedade e Que Se Empenha por Credibilidade e Autoridade*. Tradução Erick Ramalho – 1.ed. – Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

WALKER, Timothy D. *Médicos, Medicina Popular e Inquisição: A representação das curas mágicas em Portugal durante o Iluminismo*. Tradução de Mariana Pardal Monteiro – Rio de Janeiro/ Lisboa, Editora FIOCRUZ/Imprensa de Ciências Sociais, 2013.